

Indiferença: O grande pecado quando se trata dos pobres. **Michael Lasky, OFM Conv.**

Ela é chamada de "*Ia corrente*" - a corrente de ar! A maioria dos italianos tem um medo visceral da corrente de ar, que, segundo eles, causa doenças. Portanto, eles se esforçam para manter o ar do cômodo o mais quente e estagnado possível. Certa vez, entrei no quarto de um frade italiano e fiquei surpreso ao encontrar a janela aberta em um dia quente e ensolarado. Ele imediatamente me disse: "Feche a porta, *Ia corrente*!" Então notei que a janela estava no lado oposto da sala, ao lado da escrivaninha de um frade do norte da Europa. Eles devem ter chegado a um acordo de "janela aberta e porta fechada".

Agora que moro na Itália, sempre me pergunto sobre os cardeais e bispos em 1959, quando o Papa São João XXIII, da Terceira Ordem Franciscana, anunciou seu plano de convocar o Concílio Vaticano II. A esperança do papa era que a Igreja pudesse encontrar um *aggiornamento*, uma atualização. A imagem que ele propôs, para melhor captar o espírito de *aggiornamento*, foi a abertura da janela para que o Espírito Santo entrasse e renovasse as coisas. Imagino que muitos na Cúria Romana voltaram correndo para seus escritórios após esse anúncio e começaram a traçar estratégias para sufocar os planos do papa, pois sentiram que um grupo de bispos chegaria à sua porta com novas idéias sobre a melhor maneira de viver o Evangelho no mundo moderno. Essas conversas ameaçavam seu conforto e a certeza do que acreditavam ser expressões fixas de fé.

No dia da festa de São Francisco em 1962, uma semana antes da abertura do Concílio, o Papa João fez uma peregrinação a Loreto e Assis, encomendando o Concílio à Santíssima Virgem Maria e a São Francisco. Essa peregrinação moldou o *aggiornamento*, pois foi a primeira vez na memória viva que um Papa saiu de Roma. O Concílio começou quando um Papa franciscano abriu as janelas do Vaticano e o Espírito Santo veio como um vento impetuoso que inspirou muitos a falarem em diferentes línguas, como aqueles reunidos no cenáculo em Pentecostés. Alguns dos Padres do Concílio, no entanto, enrolavam suas estolas no pescoço, como cachecóis de lã, enquanto murmuravam em protesto: "O riacho, feche a porta!"



São Francisco chamava o vento de seu irmão.² Ele também chamava o Espírito Santo de ministro geral da Ordem.³ Foi o vento do Espírito que levou Francisco a Roma em 1209, buscando aprovação para sua nova maneira de viver o Evangelho na Igreja. Esse mesmo Espírito inspirou Francisco a retornar a Roma em 1223 e buscar a aprovação formal de sua Regra de Vida. A Regra de Francisco foi um *aggiornamento* da vida religiosa na Idade Média, que, assim como o Concílio Vaticano II, foi recebido com críticas mistas. Francisco refletiu longa e arduamente para discernir corretamente os estímulos do Espírito. Com prudência e humildade, ele escutou além do vento da

Úmbria que soprava entre as árvores para descobrir como o Irmão Vento acariciava a madeira da cruz e levava o doce aroma da misericórdia e da compaixão aos pobres, aos perdidos, aos doentes e aos fracos. Francisco e os frades desejavam fazer o mesmo no mundo, não em um mosteiro.

Um dos afrescos do ciclo de vida de São Francisco em Assis mostra esse encontro de Francisco e o Papa Honório III com seu Colégio de Cardeais. Enquanto Francisco fala de sua Regra e da Santa Pobreza, o irmão Leão está confortavelmente sentado, descansando a cabeça na palma da mão. Leo ouve atentamente, assim como dois outros prelados que adotaram a mesma postura meditativa, saboreando cada palavra que sai da boca do pobre homem de Assis. O Papa Honório parece profundamente comovido com o que está ouvindo ao escutar as palavras de Francisco. Ao mesmo tempo, ele olha para os pobres enquanto puxa seu pálio, a estola papal que parece um lenço solto, sobre o colo. "A lã de cordeiro representa a ovelha perdida, doente ou fraca que o pastor coloca em seus ombros e carrega para as águas da vida". Como um papa do início da Idade Média, a coroa temporal de Honório pesava mais do que o lenço de lã de cordeiro marcado com o sinal da cruz. As palavras de Francisco devem ter sido transmitidas ao papa como um vento impetuoso, levando-o para as águas da vida. Revigorado por tudo o que ouviu, o Papa Honório aprovou a Regra de Francisco como um *aggiornamento*, a abertura de uma janela



que traria o consolo do Espírito a uma Igreja dos pobres e para os pobres.

Duas figuras no terceiro arco, vestidas de vermelho e azul, discordam da visão e da missão dos irmãos menores de Assis. O de vermelho mostra alguns dedos sob sua túnica, mas não para indicar sua disposição de participar da discussão. Pelo contrário, ele cinge sua tanga, protegendo-se da "corrente" das palavras de Francisco. Seu desprezo trai seu próprio orgulho e ganância, pois ele protege sua vida contra a ameaça doentia da reforma de Francisco. Alguns bispos resistiram ao vento franciscano inicial que varreu a Europa. Com o tempo, o sopro do Espírito de Deus, manifestado na pregação e na vida dos frades, derrubaria muitas portas fechadas de obstinação. Em uma nota positiva, pelo menos o prelado de vermelho está reagindo a Francisco. Qualquer reação, mesmo negativa, deixa espaço para a criatividade e possível conversão.

A figura de azul, no entanto, permanece estoicamente indiferente ao vento de mudança que passa

pela sala. Seu olhar é perdido, sua postura é ereta e suas mãos estão enfiadas na túnica. Ele não quer ter nada a ver com Francisco e seu *aggiornamento* porque personifica o mal, que é desmascarado por seu pé que espreita por baixo da bainha de sua capa na forma de um casco fendido. Essa aparição de um demônio indica que esse afresco está ligado a outro no lado oposto da igreja, que retrata o Irmão Silvestre e Francisco expulsando os demônios de Arezzo.



Nesses afrescos, vemos retratados os efeitos do extremismo quando ele se transforma em indiferença. Refletindo sobre os horrores encontrados atrás dos portões negros de Auschwitz, Elie Wiesel nos lembra: "A indiferença não provoca nenhuma resposta. A indiferença não é uma resposta. A indiferença não é um começo; é um fim. E, portanto, a indiferença é sempre amiga do inimigo, pois beneficia o agressor - nunca sua vítima, cuja dor é ampliada quando ela se sente esquecida. O prisioneiro político em sua cela, as crianças famintas, os refugiados sem-teto: não reagir à sua situação, não responder à sua solidão oferecendo uma centelha de esperança, é exilá-los da memória humana. E, ao negarmos sua humanidade, traímos a nossa própria. A indiferença, portanto, não é apenas um pecado, é uma punição.

No primeiro Dia Mundial dos Pobres em 2017, o Papa Francisco falou sobre o grande pecado da indiferença. "Nos pobres, Jesus bate às portas de nossos corações, sedento de nosso amor. Quando superamos nossa indiferença e, em nome de Jesus, nos doamos pelo menor de seus irmãos e irmãs, somos seus amigos bons e fiéis, com quem Ele gosta de morar." Ao estabelecer essa observância anual, após o Ano da Misericórdia, o Papa Francisco desafia toda a Igreja a um *aggiornamento* do amor, não em palavras, mas em atos. Essa exortação lembra uma citação frequentemente atribuída a São Francisco: "Pregue o Evangelho e, quando necessário, use palavras".⁸ O que Francisco estava realmente dizendo, em sua Regra, era que os frades deveriam pregar por meio de seus atos.



Assim como São Francisco e o Papa João antes dele, o Papa Francisco encontrou resistência dentro da Igreja. Um exemplo simples mostrou-se digno de uma pintura de afresco contemporânea, quando, em agosto de 2022, o Papa Francisco criou 20 novos cardeais na Basílica de São Pedro. Durante a cerimônia, o Cardeal Arthur Roche ofereceu palavras de reflexão sobre o papel dos cardeais, dizendo ao papa: "Nossa missão hoje é ajudá-lo a carregar esta cruz e não aumentar seu peso.... Com o senhor, Santo Padre, aprendemos a resistir à tentação de qualquer estreiteza de mente e coração que se encolhe à medida de si mesmo em vez de se expandir 'à medida da plenitude de Cristo'".¹⁰ Um bispo sentado na fileira imediatamente atrás dos cardeais comentou mais tarde que, enquanto o Cardeal Roche falava, podia-se ouvir gemidos no Colégio.

O *aggiornamento* de São Francisco com sua Regra e do Papa São João XXIII com o Vaticano II foi a abertura da mesma janela que o Papa Francisco abriu para nós hoje. É a janela para dentro de nossos corações, onde o Espírito Santo deseja nos tirar de nossa indiferença e nos levar a obras

amorasas de misericórdia e compaixão. Agora cabe a nós escolher nossa resposta específica. Idealmente, gostaríamos de nos acostumar a uma vida guiada pelos sussurros do Irmão Vento e usar um lenço de lã de carneiro solto para nos lembrar de nossa responsabilidade para com os pobres. Alguns, porém, inevitavelmente escolherão apertar o lenço e gritar: "Feche a porta, a *corrente!* De qualquer forma, a janela continua aberta.